

Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula

Cláudia Ribeiro Bellochio



Cláudia Ribeiro Bellochio

claubell@terra.com.br

Professora doutora associada do Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM – Mestrado e Doutorado. Pesquisadora do CNPq – PQ1. Editora e presidente do conselho editorial da Revista Educação (UFSM). Líder do grupo de pesquisa Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical (Fapem).

Resumo: A voz, um dos instrumentos de comunicação com o mundo, tem sido utilizada nos planejamentos de escolas de educação básica como mediadora das relações entre as crianças/os estudantes e a música. Descobrir a voz e entendê-la um pouco melhor, em sua produção e suas possibilidades de utilização em sala de aula é o objetivo deste artigo, destinado, principalmente, a professores e professoras que atuam na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, egressos de nível médio (normal) e superior (pedagogia). O desafio é compreender melhor a voz, a desafinação vocal e pensar “um chumaço” de experiências pedagógicas que enlacen a voz e a fala na educação musical em práticas docentes de professores e professoras não especialistas em música.

Palavras-chave: educação musical; voz; práticas musicais na escola

My voice, your voice: speaking and singing in classroom

Abstract: *Voice, one of the world communication instruments, has been used a lot in Elementary School planning as mediator of the relation between children/students and music. Discovering voice and understand it little better, in its production and possibilities of using in classroom is the objective of this article mainly addressed to teachers who work with nursery school and initial years of Elementary School, High School egresses (normal) and graduation (pedagogy). The challenge is to comprehend better about voice, untune and think about “a stuffing” of pedagogical experiences that join voice and speech in teaching practices in musical education of non specialist music teachers.*

Keywords: *musical education; voice; school music practices*

BELLOCHIO, C. R. Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, p. 56-67, 2011.

De professora para professoras e professores...

Uma pequena história para pensarmos na voz...
Minha voz! Sua Voz! Nossas vozes adultas e infantis.

*Minha voz, minha vida
Meu segredo e minha revelação*
Caetano Veloso

Este texto nasce de uma história de professora de professoras e professores e é, para eles e elas, que se narram experiências vividas, ideias, fatos, acontecimentos, um pouco do vivido na dimensão de sala de aula no ensino superior e na escola de educação básica.



Ao longo de 20 anos atuando na formação de professores em cursos de pedagogia e já tendo atuado na formação de professores em nível médio e na regência de corais infantis e infanto-juvenis, tenho estado preocupada e atenta a como os professores unido-centes, os que atuam na educação infantil e nos primeiros anos da educação básica, relacionam-se com músicas e criam possibilidades, no espaço e no tempo de sala de aula dos primeiros anos da escolarização em que atuam, para que seus alunos vivenciem e aprendam músicas. Uma observação recorrente em minha experiência profissional é o quanto a voz é utilizada no espaço da sala de aula na execução musical de canções e outras formas de fazer música com a voz. Um pouquinho, bem pequeno de minhas reflexões, é o que tento colocar neste texto, voltando-me às questões da utilização da voz e da fala na educação musical. Meu maior desejo é que este artigo sirva como estímulo para que possamos ouvir mais e fazer mais músicas com a nossa voz.

Parafraseando Pereira (2010), são ideias “colocadas em poucas palavras, um chumaço de instruções simples, mas que podem produzir um efeito significativo – tanto a ti quanto aos teus alunos”.

Tudo começa quando começamos a ouvir.

Neste início de conversa, professor e/ou professora, ouça as vozes das crianças, dos estudantes. Ouça a sua voz!

Ouvir, perceber e buscar compreender como a criança brinca, canta e fala é uma condição sensível ao mundo no qual um professor trabalha. Da relação direta que os (as) docentes estabelecem, no dia a dia, com os alunos e as alunas é que derivam propostas pedagógicas que aproximem o cotidiano das proposições pedagógicas de ensinar e de aprender.

Melhor é já dizer: olharmos os movimentos, os corpos em giro – um tal de estica, senta, levanta, corre – de guris e gurias. Ouvirmos as vozes das crianças, porque cada uma possui uma particularidade de produção e emissão vocal.



Parece claro, quando os professores e professoras param e ouvem, observam que as crianças cantam, brincam e exploram sons vocais e também corporais, com instrumentos, com batidas em seu próprio corpo, etc. Crianças inventam músicas que, em muito, se utilizam de diversidades sonoras, fazendo uso vocal de sonorizações sem palavras, mas também de palavras faladas e cantadas.

Meninos e meninas, sem preocupação alguma de serem afinados ou desafinados – *de estarem musicalmente corretos!* –, criam histórias narrativas, às vezes com um tema no início e outro ao final. A sensação que temos, quando paramos para ouvir essas histórias, é que se trata de uma exploração de sons da voz e de produção musical, empregando-se ou não palavras e organização textual. Essas experiências infantis são realizadas em casa, na rua, na escola – sem nenhuma solicitação dos adultos. A história, nesse caso, vai sendo edificada pelas infinitas modulações e utilizações de nuances que vão sendo geradas, exploradas, modificadas e enriquecidas pela própria experiência e sua transformação.

De esses “aconteceres”, comuns na infância, é que surge o convite para que os professores e as professoras ouçam atentamente a atividade de *brincar de fazer música* vivida pelas crianças. Ao que me parece, sem a intencionalidade da escuta pelos adultos, a experiência das crianças não passará de experimentação pessoal a elas mesmas. E veja, as experiências musicais da infância podem ser muito ricas se ouvidas, refletidas, instigadas. Ouvir é condição para apreciar em música. O ouvir musical é parte da atividade de apreciação presente no processo de aprender música.

Professores e professoras! Abram-se às audições das brincadeiras com música que suas crianças estão fazendo. Ouçam as vozes da voz de seus alunos e alunas! Ouçam suas criações, composições, experimentações! Abram os seus ouvidos para o mundo dos sons da voz.



“São muitos os termos utilizados pelos autores para se referirem à produção musical da criança. Swanwick (1988, p. 60) define como ‘composição’ desde os balbucios iniciais dos bebês até as criações vocais ou instrumentais mais elaboradas compostas por crianças maiores. Sloboda (1985, p. 202) e Hargreaves (1986, p. 67) utilizam o termo ‘canto espontâneo’ para se referirem à música vocal produzida pela criança a partir de um ano e meio de idade.” (Parizzi, 2006, p. 40)

Fiquemos à espreita da escuta como fazem os animais, lembrando do abecedário de Deleuze.¹ Ouçamos! Façamos apreciações! Fiquemos atentos para o fato de que, no momento da construção musical, com o uso da voz e da fala, são muitos sons vocais que se mostram, se desafiam, se contrapõem. Uma verdadeira busca pelas possibilidades de diversificação musical nos usos da voz.

Alguns desafios aos professores e professoras



Janela sobre as proibições

Na parede de um botequim em Madri, um cartaz avisa:

Proibido cantar.

Na parede de um aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa:

É proibido brincar com carrinhos porta-bagagens.

Ou, seja: ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca. (Galeano, 2007, p. 76)

Colega – pense sobre a história expressa por Galeano e em todas as coisas boas e não boas que fazemos cotidianamente quando estamos ensinando. Quantas vezes e por quanto tempo já silenciámos nossas crianças? Quantas vezes e por quanto tempo já nos silenciaram? Por que já silenciámos e nos deixamos silenciar?

Reforço o convite a você que trabalhará com esse tópico que, antes de mais nada, se disponibilize a ouvir as manifestações vocais das crianças pequenas, desde bebês que não possuem a fala articulada até as produções vocais de crianças maiores. O que os



1. O abecedário de Gilles Deleuze é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e legendas: Raccord. Pode ser acessado em: <http://intermidias.blogspot.com/2009/09/abecedario-de-deleuze-para-download.html>.

bebês fazem com sua voz? Em que situações utilizam-se da voz e para que fazem uso? Ouça muitas falas e canções, de crianças e de adultos.

Faça isso com você também! Ouça-se constantemente! Se tiver tempo, anote tudo. Faça registros de suas atenções aos sons vocais. Pense sobre o que você ouve. Se puder, grave e ouça as gravações.

Ouça muito a sua voz e outras vozes que existem perto de você, de algumas pessoas falando e outras cantando. Não esqueça que, para ouvir, é preciso, simplesmente, ouvir e, aos poucos, ir entrando no universo do que está sendo ouvido, cada vez apreciando mais e mais. Descubra e (re)descubra diferentes formas de sua voz existir sonoramente, falando e cantando. Perceba, nos seus alunos e nas suas alunas, as diferentes formas pelas quais eles vão utilizando-se de sons da voz. Busque, no YouTube, – musicais somente com a voz; percussão vocal; só voz; etc.



Algumas dicas podem ser

- *Saber viver* – Roberto Carlos e Erasmo Carlos em interpretação de vozes e palmas: <http://www.youtube.com/watch?v=byc4Cm0LJmM&feature=related>
- *Sítio do Pica-Pau Amarelo* – Gilberto Gil em interpretação da Banda de Boca: <http://www.youtube.com/watch?v=qKCulrSi1ws&feature=related>
- *Bachiana n. 5* – Heitor Villa-Lobos em interpretação da Banda de Boca: <http://www.youtube.com/watch?v=ZBTsWXjZnbE>

Outras experiências vocais podem ser acessadas em:

- <http://www.youtube.com/watch?v=nK24Bk-JXlw&feature=related> (só voz)
- <http://www.youtube.com/watch?v=ZxIJogm43cs&feature=related> (música para a boca)
- http://www.youtube.com/watch?v=_VvWaoQwStg&feature=related (sons com a boca)

Também não esqueça que é preciso pensar sobre o que lhe toca e produz sentidos; na experiência, pense acerca de suas formas de contato com o mundo vocal. Pense que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondiá, 2002, p. 20).

Pensar sobre a sua experiência poderá promover sua forma de pensar proposições para o ensino. Na realidade, provoque-se à compreensão e à escuta sensível de si e do mundo. Não esqueça também de cantar, viver a experiência da execução musical vocal.

Ah! Não me venha com aquela história de que sua voz é feia, desafinada, que não dá para cantar e fazer música com ela. Como muitos dizem: não tenho dom para cantar. Convido você a entender um pouco melhor sobre essa conversa!



“Se você disser que eu desafino amor...”

*Saiba que isto em mim provoca imensa dor
Só privilegiados têm o ouvido igual ao seu
Eu possuo apenas o que Deus me deu*

Tom Jobim

Pense sobre os versos da canção de Tom Jobim. O que eles lhe dizem? O que repetem de tudo aquilo que você já ouviu em sua vida? Imagine-se ensinando uma canção ou um rap para seus alunos e suas alunas...! O que lhes dizer quando os sons que saem de suas bocas (e também) as imagens de seus corpos não são aquelas que você desejaria estar ouvindo?



Dica: lembre-se que, quando você precisa ouvir as crianças cantando, você não pode emitir sons com a sua voz. O som precisa ser ouvido sem a interferência vocal de quem está a escutar.

Já é quase um chavão entre os professores e as professoras considerarem que são desafinados, ou melhor, que as suas vozes são desafinadas. A relação parece circular, crianças e professores não afinam e a bola vai girando se enredando e crescendo.

D e s a f i n a n d o ! ?

Mas veja: o que é ser desafinado? Quem produz a afinação e a desafinação?

Inicialmente, é bom lembrar que falar de conceitos de desafinação é uma contraposição aos conceitos de afinação.

A pretensão não é de aprofundar conceitos de afinação e desafinação em seus aspectos biológicos e neurológicos, mas trazer algumas reflexões que possam auxiliar na superação de preconceitos com relação a esses temas, enraizados e trazidos aprioristicamente em muitas práticas escolares que partem do pressuposto da desafinação como algo maior que a própria afinação.

A princípio, se o sujeito não tem lesão no ouvido é um ouvinte em potencial e, portanto, pode reproduzir os sons que ouve. Mas a emissão desses sons não depende somente de sua audição. A emissão, falar ou cantar, depende de um conjunto de órgãos que tem sido conhecido como sistema fonador. Uma conclusão lógica e rápida a que se pode chegar é que se o sistema fonador e o ouvido não possuem lesões, pode-se ouvir e emitir o que é ouvido.

“A fonação é uma função neurofisiológica inata, porém, a voz é adquirida e vai-se formando através de nosso crescimento físico e emocional. Assim, chegamos na idade adulta com o resultado da moldagem de habilidades inatas pela nossa história de vida” (Vieira, 1996, p. 59). O aparelho fonador é composto de estruturas originariamente destinadas à realização de outras funções, sendo, por isso, adaptado à função vocal. “Dos órgãos que cooperam na produção vocal nenhum é exclusivo do ‘aparelho fonador’. Eles desempenham também um trabalho no aparelho digestivo e/ou no aparelho respiratório” (Vieira, 1996, p. 55). As funções da respiração, mastigação e deglutição são anteriores e de vital importância para a sobrevivência humana; a fonação tem desenvolvimento posterior a estas, mas não se pode dizer que não seja considerada, hoje em dia, de fundamental importância para a resistência e para o avanço da espécie como um todo (ver Tomazzetti, 2003).



Voltando à questão da desafinação: não se culpe se você achar que é desafinado. Tem solução! E o melhor, relativamente rápida e eficiente. Talvez o que você precise é experienciar mais a sua voz. Cante mais! Treine mais! Aqui, vale o treinamento. Pratique! Mas pratique conscientemente, ouvindo e sempre buscando melhorar o que você ouve como “desafinado”.

Veja: treinar não é sair fazendo tudo umas 500 vezes até levar você à exaustão, no caso, à rouquidão! Isso geraria outros problemas piores que desafinar.

Para começar, você precisa ouvir bem o que será cantado antes de cantar. Não tente começar a imitar o que você cantará, antes de ouvir muitas vezes e imaginar, dentro da sua cabeça, como você fará a execução da canção, do rap,² da declamação. Para cantar é preciso antecipar, mentalmente, como você quer que o som soe. Não adianta fazer sem pensar.



2. Se você deseja aprofundar leituras sobre o rap, leia Hip hop: da rua para a escola (Souza; Fialho; Araldi, 2005). Procure também outras referências na internet, digitando “hip hop”.

Aos poucos você irá percebendo que o “problema” não está na afinação/desafinação produzida, mas na forma pela qual você anda ouvindo o que será emitido. Isso também vale para seus alunos e suas alunas, para as crianças.

Mas, vejamos algumas causas frequentemente apontadas e que podem levar ao que se considera como desafinação da criança. As causas adicionam questões de natureza social e biológica. Contudo, fica evidenciada a alta repercussão de questões sociais que acabam por afetar a afinação.³

Algumas causas da desafinação em crianças:

- **Inexperiência ou falta de prática.** As crianças aprendem por imitação e se elas não são estimuladas por suas famílias e professores a cantar e não têm contato com o canto, não há como construir a sua habilidade de cantar.
- **Timidez.** O canto é uma expressão humana e se a criança é muito tímida, não confia em si mesma e não é encorajada a cantar, ela demorará a desenvolver o canto.
- **Modelos inadequados.** Se a criança aprende, ouve música de má qualidade cantada de forma inadequada, tentará cantar da mesma maneira. A criança é imitativa.

Veja, aqui é preciso pensar sobre o que seria música de má qualidade cantada. Muitos cantores atuais, como os rappers ou MCs, executam suas músicas vocais de modo diferente dos modelos melódicos e rítmicos de canções tradicionais do repertório infantil, mas isso não os caracteriza como modelos inadequados. O modelo inadequado é aquele que pretende ser melódico e falha na execução correta de alturas sonoras, de estruturas rítmicas, etc.

- **Memória auditiva mal desenvolvida.** Se a criança não se concentrar no que ouve, não poderá lembrar nem mesmo de frases simples.
- **Falta de interesse e motivação.** Se o professor ou a professora não se preocupar em estimular as crianças a ter um ambiente positivo e com as atividades interessantes, as crianças facilmente se distrairão.
- **Diferenças culturais.** Crianças que vêm de meios culturais diferentes podem estranhar melodias apresentadas, já que estão fora daquelas que costumeiramente têm sido ouvidas.
- **Coordenação.** A criança pode ter dificuldade em coordenar a sustentação da respiração com o que ela ouve e com a sua emissão.
- **Problemas neurológicos e de ouvido interno.** Lesão da cóclea, situada no ouvido interno, responsável pela seleção dos sons ouvidos, sua base registra os sons agudos e seu ápice, os sons graves. Qualquer lesão que a mesma sofra, interrompe a comunicação com o sistema nervoso central, responsável pela decodificação dos sons ouvidos. Os estímulos sonoros são transmitidos ao cérebro pelo nervo recorrente que, se lesado, provoca um corte nessa corrente.



3. Essas causas foram expostas, a partir de uma obra, por Marisa Fonterrada (professora da Universidade Estadual Paulista – Unesp), em curso realizado pela Fecors (Federação de Coros do Rio Grande do Sul) em Porto Alegre no ano de 1984.

Percebe-se, pois, que existem muitas causas para que a voz não soe como gostaríamos que ela soasse. No entanto, o mais grave é a lesão na cóclea, que compromete a audição e a consequente emissão do que se ouve. As demais causas parecem superáveis com trabalho diário, cuidados, escutas, etc.

Por fim, duas atividades simples que podem ser trabalhadas na escola.

Brincando com a voz: esta é uma experiência bem legal! Fale. Fale de diferentes maneiras. Fale mais forte e mais fraco. Sussurre. Murmure. Grite. Fale uma mesma palavra ou frase de diferentes maneiras. Invente frases engraçadas para serem faladas: Por exemplo: *o pinto e a pinta passeiam de ponta a ponta no planeta pintado*. Fale essa frase explorando os pp; os nn. Fale rapidamente, lentamente. Invente. Crie outras formas de brincar com os sons da voz com seus alunos e suas alunas.

Escolha um pequeno poema e o interprete com as muitas possibilidades de sua voz. Faça o mesmo criando seu próprio poema. Incentive sua turma a criar. Não esqueça de se ouvir!

Outra ideia para brincar com a voz é criar melodias para muitas coisas. Comece cantando de muitas maneiras o seu nome, o nome das crianças. Um jeito legal para explorar a construção de melodias é pensar em levar a sua voz para dar um passeio.

“Melodia: Parafraseando Paul Klee, uma melodia é como levar um som para dar um passeio. Para termos uma melodia, é preciso movimentar o som em diferentes altitudes (frequências). Isto é chamado mudança de altura. Uma melodia pode ser qualquer combinação de sons. Há melodias mais e menos bonitas, dependendo do propósito para a qual foram pensadas. Algumas são livres, outras rigidamente organizadas, mas não é isso que as faz mais ou menos belas.” (Schafer, 1991, p. 81)



Imagine que está fazendo desenhos no ar. Na sua mão, há uma varinha que guiará a construção dos seus desenhos melódicos. Pense em fazer linhas retas, sinuosas, longas e curtas. Linhas mais pesadas e mais leves. A cada movimento que você der, emita um som e continue a representar sonoramente os desenhos que vão sendo construídos. Vale lembrar que, para movimentos ligados, os sons são ligados, e, para movimentos não ligados, os sons são separados. Brinque! Brinque com você e também seja regente de um grupo, indicando-lhes como você gostaria que os sons fossem sendo realizados. Estimule as crianças a também serem regentes. Ouça atentamente as melodias que vão sendo construídas. Grave-as, ouça e aprecie com a sua turma.⁴



4. No n. 2 de Música na Educação Básica, o texto de Ciszewski (2010) traz algumas ideias de exploração vocal na seção “Criando por meio da voz...”; vale a pena conferir. No mesmo número da revista, outra referência é o texto “Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto”, de Schmeling e Teixeira (2010).

MÚSICA na educação básica

No livro de Murray Schafer (1991), *O ouvido pensante*, nos capítulos “Limpeza de ouvidos” e “Quando as palavras falam”, você terá várias ideias de trabalhos com a voz. Leia-os atentamente, exercite as sugestões e as reinvente, antes de fazê-los com suas crianças e seus estudantes. Se necessário, adapte-os. O desafio profissional do professor é o de potencializar a construção de conhecimentos a partir do já existente, implicando a criação de situações de ensino novas. Invente! Crie!

Musicando poesias: musicar poesias é uma atividade legal. Você pode pensar em fazer um rap, em criar melodias ou misturar as duas formas. O legal é se os estudantes forem desafiados a construírem musicalmente a partir dessas obras, mas isso será possível após terem domínio de leitura da língua portuguesa.

Dois obras bem bacanas são os livros de poesia *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles (1990), e *Delícias e gostosuras*, de Ana Maria Machado (2005).

Trago, da segunda obra, uma poesia:



**Lá vem a avó da Isadora
Com seu samburá na mão.
Ela diz que está trazendo
Empadinha de camarão.**

**“Ai, ai, ai minha azeitona,
ai, ai, ai, minha empadinha.
Quem foi que pôs a mão
Sabendo que tu és minha?”**



Essa poesia possui um universo musical explícito ao combinar duas canções de domínio público. No primeiro verso, a canção *Lá vem a sinhá marreca* e, no segundo, *Minha machadinha*. Com essa poesia podem ser exploradas muitas formas de construções musicais. Uma delas é falar os versos como se fossem um rap ou cantar os versos com as melodias das canções que originaram a criação da poesia. Poderiam também ser combinadas execuções de rap com as melodias de domínio público. Vá tentando. Experimente! Construa junto com as crianças formas de musicar poesias que sejam interessantes ao processo de educação musical da turma. Boa sorte nas suas investidas!

Breves considerações finais

Se você se abrir para o universo da voz, ouvir músicas que se utilizam da voz cantada e músicas que se utilizam da voz falada, aprenderá muitas coisas que poderão se transformar em possibilidades de trabalho pedagógico em sala de aula. Trabalhos simples e trabalhos

sofisticados. O mais legal é viver a experiência e buscar sentidos no que está sendo vivido. Novamente, a experiência precisa fazer-lhe sentido, tocar-lhe sensível e esteticamente com o mundo. Não se esqueça de também cantar estilos diversificados de músicas vocais: canções e *raps* são ótimas práticas. Lembre que processos de educação musical que se utilizam da voz poderão também ser uma maneira muito bacana de conhecer e cantar canções diferentes (ninar, trabalho, mídia, folclóricas, etc.), de diferentes lugares e formas. Tente ouvir e perceber as diferenças entre as canções do Rio Grande do Sul e as canções do Nordeste, ou do Norte. Nesse universo existe uma riqueza expressiva rica que poderá ser explorada nas experiências vocais. Diante disso, brinque com a sua voz. Imita com a sua voz. Construa uma relação vocal com o mundo sonoro, cantando e falando. Declame. Interprete poesias. Crie diferentes expressões para a sua execução musical com a voz: triste, alegre, etc. Acredite, é possível.



Referências

BONDIÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

CISZEWSKI, W. S. Notação musical não-tradicional: possibilidade de criação e expressão musical na educação infantil. *Música na Educação Básica*, n. 2, p. 22-33, 2010.

GALEANO, E. *As palavras andantes*. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

MACHADO, A. M. *Delícias e gostosuras*. São Paulo, Salamandra, 2005.

MEIRELES, C. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

PARIZZI, B. O canto espontâneo da criança de zero a seis anos: dos balbucios às canções transcendentais. *Revista da Abem*, n. 15, p. 39-48, set. 2006.

PEREIRA, M. V. *Carta convite para escrita*. 2010. Manuscrito (arquivo pessoal).

SCHMELING, A.; TEIXEIRA, L. Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto. *Música na Educação Básica*, n. 2, p. 74-87, 2010.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

SOUZA, J.; FIALHO, V. M.; ARALDI, J. *Hip hop: da rua para escola*. Porto Alegre: Sulina, 2005. Acompanha 1 CD. (Coleção Músicas).

TOMAZZETTI, C. T. *A voz profissional do professor: instrumento de trabalho ou problema no trabalho?* 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

VIEIRA, M. M. *Voz e relação educativa*. Porto: Afrontamento, 1996.